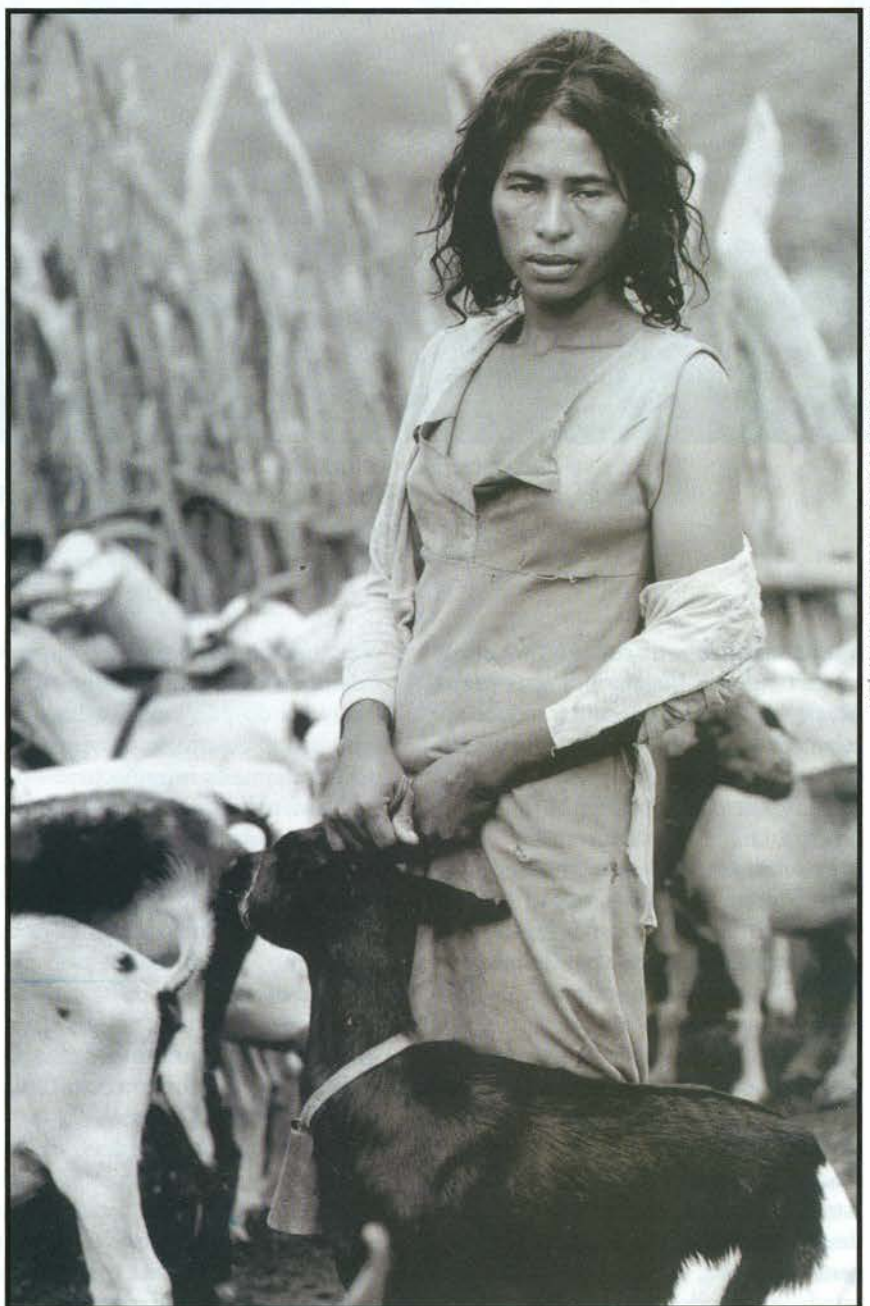


A pena que vence a espada

Tese mostra poder do discurso oficial e jornalístico para criminalizar movimentos sociais

Em *Hamlet*, de Shakespeare, o conturbado príncipe, ao ser questionado pelo personagem Polonius o que tanto chamava a atenção no livro que devorava, responde com desdém: “Palavras, palavras, palavras”. Isso poderia funcionar bem na Dinamarca, mas, no Brasil, quando o assunto é a posse da terra, há nas palavras muito mais do que imagina a nossa vã filosofia. Esse é o tema da tese de doutorado *O Discurso do Conflito Materializado no MST: A Ferida Aberta da Nação*, de Lucília Maria de Sousa Romão, defendida no Departamento de Psicologia e Educação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, de Ribeirão Preto (FFLCRP/USP), orientada pela professora Leda Verdiani Tfouni, também da USP. Foram quase quatro anos de pesquisa sobre textos e um trabalho de campo de entrevistas realizado em Matão (SP), no acampamento Dom Hélder Câmara, onde o Movimento dos Sem-Terra (MST) havia reunido mais de mil famílias.

Ao analisar de que forma a imprensa e as autoridades usavam o discurso para retratar os sem-terra, Lucília descobriu na fala atual semelhanças incômodas com as formas com que, no passado, as mesmas organizações e governantes se referiram aos quilombos, a Canudos, ao Contestado, ao levante de camponeses suíços de Ibicaba e às Ligas Camponesas, de Francisco Julião. “Em todos os casos,



Raso da Catarina, em foto de 1989: miséria ainda grassa no interior da Bahia

ANTÔNIO AUGUSTO FONTESCADERNOS DE FOTOGRAFIA BRASILEIRA - CANUDOS, DO INSTITUTO MOREIRA SALLES



400 Jagunços Prisioneiros. Canudos, Bahia. 1897.

Original de Flávio de Barros, pertencente ao Museu da República (RJ), recuperado digitalmente nos laboratórios da Reserva Técnica Fotográfica do Instituto Moreira Salles

o funcionamento discursivo procurava satanizar e criminalizar em suas práticas políticas e na denominação que receberam, o que indica uma formação discursiva capaz de imprimir um movimento de sentido sempre afinado”, observa Lucília. “A saber: apagar as razões sociais que fazem os excluídos se mobilizarem, seqüestrando sua luta política e narrando, em lugar dela, o transtorno e a ameaça à paz democrática”, completa a pesquisadora.

Segundo a professora, “o discurso oficial desloca a questão da luta pela terra da esfera civil para a área criminal”. “Essa tem sido uma tônica recorrente e acentuada nos últimos anos: desmerecer, denegrir e desconstruir a imagem do outro, acusando-o de formar quadrilha, bando, cometer crimes ardi-

losos, tais como seqüestro, implodir a ordem juridicamente igualitária e democrática do país”, explica Lucília. “Ao fazer isso, o sujeito se move para uma área do chamado interdiscurso – o ir-e- vir da memória discursiva – em que o rigor da lei deve ser usado para conter os bugres, os rebeldes, os subversivos, devastadores da ordem social”, avalia a pesquisadora. Curiosamente, os mesmos termos foram usados pelo discurso oficial e jornalístico de há vários séculos para se referir aos “negros selvagens e insolentes” dos quilombos e, mais tarde, aos “rebeldes preguiçosos” colonos suíços da Fazenda Ibicaba.

“Hoje, como então, não se quer falar sobre as razões que levaram esses vários movimentos históricos sociais a agir da forma como o fizeram. Ninguém quer saber, por exemplo, por que um grupo do MST ocupa uma fazenda, as condi-

ções socioeconômicas que os levaram a essa empreitada. O que transparece não é o fundo social, mas apenas o resultado ‘ilegal’, a ‘bandalheira’ e o ‘vandalismo’. É uma mecânica perversa”, analisa a pesquisadora. Os vários movimentos sociais citados por Lucília já foram dissecados em seus mais diversos aspectos, mas poucos se preocuparam em entender que eles entraram em conflito com a sociedade também por meio do choque entre os seus discursos diferenciados, que a pesquisadora divide em “formação discursiva dominante” (com o aparato jurídico e ligada à grande imprensa nacional) e a “formação discursiva dominada”, a do objeto de preconceito e difamação da primeira. “É fundamental analisar a construção da fala, em especial numa sociedade como a brasileira. O discurso tem um poder notável de tecer o imaginário e fazer o



Marcha de integrantes do MST: discurso com maior visibilidade que, aos poucos, vai conquistando a simpatia de setores mais esclarecidos, acredita a pesquisadora Lucília •

sentido caminhar numa única direção como se fosse a verdadeira representação de um dado sócio-histórico”, explica a professora. “Assim, influenciados por essa fala com poder de autoridade, muitos tomam para si essa perspectiva do que são os excluídos e o que os motiva a agir de uma dada maneira”, analisa.

“A opacidade da linguagem e o jogo permanente de espelhos do dito/silenciado cristalizam a noção de que todo dizer tem uma sombra, uma segunda pele colada no seu corpo. Cabe ao analista levar isso em conta. É o que eu faço quando olho para o registro de notícias travestidas de tom jornalístico com efeito de neutralidade”, avisa. Pois, segundo Lucília, se o discurso oficial é forte, ganha um megafone potente na grande imprensa. “Na tentativa de explicar o mundo, o discurso jornalístico engorda suas estratégias para fazer a informação

parecer segura, confiável e fiel à realidade, como se esse fosse o único modo de dizer”, avalia. Lucília acredita que isso é um velho chavão na imprensa brasileira quando o assunto são movimentos sociais de reivindicação da posse da terra. “Quem cobriu os eventos em Canudos foram apenas ‘medalhões’ ligados ao poder militar e aos jornais ligados ao Estado”, lembra.

Visão dos rebelados - Efetivamente, apenas no ano passado foi publicada a visão do conflito de Canudos do ponto de vista dos “rebelados”. O *Breviário de Antonio Conselheiro*, lançado pela Universidade Federal da Bahia, data de 1895 e foi encontrado nas ruínas da vila por um soldado. Com mais de 700 páginas, traz esclarecimentos sobre a real motivação dos homens do Conselheiro e a comparação do texto com as idéias

propagadas sobre o movimento em *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, mostra os equívocos oficiais da representação dos “insurretos”. “A imprensa é apenas ilusão de objetividade. Daí a importância do MST ao recapturar o discurso da luta pela terra. Afinal, ao contrário dos movimentos anteriores, o atual é mais organizado e descentralizado, não se limitando a um único lugar, mas permeando todo o país”, nota Lucília. “Consegue dessa forma um discurso com maior visibilidade que, aos poucos, vai conquistando a simpatia de setores mais esclarecidos, que já não os vêem mais como o discurso dominante os retrata”, diz. “Muitos fazem uma reprodução acrílica do discurso que recebem. Meu trabalho quer justamente mostrar o perigo disso.” É bom desconfiar que a pena pode ser mais forte do que a espada. •